

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

Aveiro

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 125

**Assinaturas**  
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestr. 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º ANNO

## AINDA A QUESTÃO

DO

### REGIMENTO

Está, enfim, ao que parece, resolvida esta questão. O regimento de cavallaria será substituído em Aveiro por um regimento de infantaria. Chegou, pois, a hora das philosophias. Philosophemos.

Hontem, como hoje, somos nós que aguentamos com os odios todos, sem usufruirmos gloria nenhuma. Com plena consciencia, claro é, que tivemos sempre, de tudo quanto havia de succeder. Com plena consciencia e com plena alegria. Plena alegria, mesmo quando os tolinhos nos imaginam instrumento incauta de especulações alheias.

Que tolinhos!

A substituição do regimento. — e aqui vae agora a explicação da *intriga*—foi um *truc* dos progressistas. Os progressistas, sabendo que o sr. ministro da guerra tinha vontade de tirar d'Aveiro a cavallaria, para fins politicos, prepararam-se logo para armar á popularidade. Officio, e objectivo unico, de todos os politicos da terra! Andam sempre ao desufo na arte de enganar o mundo.

Mas os progressistas tinham medo, por um lado, de levantar a questão, e precisavam, por outro lado, d'um elemento decisivo na opinião da cidade, que eramos nós. Estaríamos nós dispostos? Estavamos, por varios motivos. Não estaríamos—ninguem é mais franco do que nós—se os bons principios militares, os interesses populares e os interesses materiaes da terra não estivessem do lado da *intriga*. Estando, e tendo nós ainda em aberto a divida do *Carranca*, muito asnos seríamos se não nos apressassemos a arremessar para cima da balança o peso da influencia que poderíamos ter na opinião publica.

Mas o ensaiador progressista, que aliás é habil, descuriou-se, e os comparsas não entraram a tempo em scena. Sem ensaiador e sem ponto, era *raia* certa. Os almas do diabo, não os trazendo agarrados ou no bolso, é asneira que te parto. E, assim, o nosso artigo não fez mais do que provocar a *unanimidade* da cidade a favor da cavallaria. Foram musicas, bandeiras, romagens á Oliveirinha, vivorios, o diabo a sete.

Agora a *unanimidade* da cidade está do outro lado e são vivorios por motivo inteiramente opposto!

Déram vivas ao sr. José Luciano na Oliveirinha por ficar cavallaria em Aveiro. Dão outra vez vivas ao sr. José Luciano por não ficar cavallaria em Avei-

ro. Que cambada! Que cambada! Só por este pratinho davamos nós, de boa vontade, dois ou tres annos da nossa existencia.

Ha muito que não nos rimos com tanto prazer.

E dizem elles que somos nós que nos deixamos ir na *intriga*! Pois vão dizendo. Nós continuaremos philosophando.

Claro é, os odios vieram todos para cima de nós. Os progressistas, mesmo os que estavam no *segredo da intriga*, abandonaram-nos a correr. Nem nos queixámos, nem estranhámos sequer. Já sabemos de que raça é politico indigena, portanto nada tinhamos que estranhar.

Só uma coisa ficava confusa para nós: a desobediencia dos comparsas ao ensaiador progressista. Como fóra aquillo? O caso explicou-se logo: foi deseuído. E o ensaiador tratou, immediatamente, de emendar a mão. E emendou a mão com mão de mestre. E os comparsas, coitados, passaram por debaixo das forcas caudinas. E déram vivas ao José Luciano pelo contrario d'aquillo porque tinham dado vivas ao José Luciano. Que cambada! Que cambada!

Não torne o nosso ensaiador a ter descuidos, tanto mais lamentaveis quanto é incontestavel a sua habilidade para scenas d'esta natureza. Lá que elle tem geito, isso tem. Não haja mais descuidos e não lhe faltará futuro.

Agora—é do estylo—vão todas as glorias para elles e voltam todos os odios para nós.

Não ha duvida nenhuma que fomos nós o principal agente da sahida do regimento de cavallaria.

O ministro queria que elle sahisse. Os chefes progressistas queriam auxiliar o ministro, fazendo politica local. Mas se nós não levantassemos a questão, talvez mais ninguém a levantasse. Mas, levantada ella, se nós nos collocamos do outro lado, é quasi certo, é certissimo, que o regimento não sahiria d'aqui. Nós tinhamos do nosso lado a razão. Mas elles tinham do lado d'elles o sentimento. E o sentimento, sobre as massas, vade bem mais que a razão.

Amiguinhos da cavallaria, o que vos faltou, do vosso lado, foi um homem. Um homem que fuisse ao coração do povo, mostrando-lhe toda a dureza e todo o comico d'uma cidade, que expulsa do seu seio o regimento, que n'ella vivem, na melhor das confraternidades, durante 17 annos, e que o expulsa dois dias depois de o ter reclamado, de o ter festejado, de o ter aclamado, venceria a questão porque é d'aquellas coisas que, não valendo nada nas mãos dos imbecis, são armas tão poderosas, nas mãos

d'um homem que sabe manejar uma penna, que decidem um combate sem hesitação alguma.

Assim as tivéssemos nós na mão, perdoem-nos a vaidade! Teríamos escripto alguns dos artigos mais suggestivos, em questões locais, da nossa vida de *luctador*.

E foi esse o seu grandissimo erro, sr. Jayme de Magalhães Lima. E' essa, mesmo, a sua condemnação. Os burros que o cercam, esses conselheiros que julgando-se uns diplomatas não passam d'uns cebolas, esses imbecis que cotejam a intelligencia dos que tem aptidões para as luctas da imprensa pela intelligencia dos que tem aptidões para vender assucar, não podem, nem sabem prevér a influencia decisiva que, em certas occasiões, tem um jornalista. Não comprehendem, mesmo, como este possa representar um valor diferente na maneira diferente de tratar uma questão. Mas devia-o saber v. ex.ª. E, sabendo-o, a sua teimosia em se alliar ao Carranca parece uma teimosia de estúpido.

E o que se diz do sr. Lima, melhor se diz do sr. Mattoso. Pois este senhor, que se tem na conta d'um finorio, não viu logo que o Carranca havia de dar desastre, fatalmente? Tanto o sr. Lima, como o sr. Mattoso pagaram, pagaram o Carranca na questão do regimento. E pagaram-no bem caro. O sr. Lima aniquilou talvez, e provavelmente para sempre, a sua influencia no concelho, já muito abalada com a eleição da camara progressista. O sr. Mattoso levou um bote muito sério, pelo menos no seu prestigio.

Esta é a verdadinha.

De resto, não temos a consciencia a accusar-nos. A cidade, o concelho, o districto, ganharam muito com a substituição do regimento de cavallaria. As glorias, repetimos, são para os outros. Os odios é que são para nós, e só para nós. Mas nós podemos com esses odios e dispensamos as glorias todas.

Para que havemos de ser hypocritas? Nunca o fomos. E' certo que os principios militares mandam collocar a cavallaria em pontos melhores á defesa do paiz do que Aveiro. Certissimo que os interesses da defesa do paiz estão acima de tudo. Mas certissimo é tambem que ninguém faz caso d'isso em Portugal, a começar nos ministros da guerra de todos os partidos, cathogorias e feitos.

E' certo que os povos do concelho e do districto ganham muito com a substituição da infantaria pela cavallaria. Mas é certo que esses povos agradecem tanto a quem os serve, e tem tanta consciencia do que lhes convem, que ainda hontem se voltaram

todos contra nós, exultando e applaudindo por continuar aqui a cavallaria. De forma que se não fosse a necessidade de fazer pagar caro o Carranca não seríamos talvez nós que tomássemos partido pela infantaria contra a cavallaria, embora sejam verdadeiros, justos e elevados todos os motivos que invocámos a favor d'aquella contra esta.

Não nos agradeçam nada. Nem por um minuto nos queremos confundir com esses que, procedendo por motivos mesquinhos, invocam as necessidades da patria e as conveniencias dos povos.

Deem-lhes a elles as glorias todas, como estão fazendo, que, por nós, não queremos nenhuma.

Nós contentámo-nos com a satisfação do nosso desforço e com o riso que nos provocam uns e outros.

Patetinhos, que nos imaginavam tão ingenuos que andássemos n'isto servindo de instrumento a alguém!

Patetinhos, que julgavam que seria motivo para estes combates a *honra* de querermos viver no meio d'elles!

Grande honra, não haja duvida.

Apprendam, que já é tempo. Abram os olhos e vejam.

### A questão clerical

Devido ás questões locais, ainda n'este numero não poderemos continuar os nossos artigos.

Os leitores que nos desculpem ainda hoje a falta de cumprimento da nossa promessa.

### Guerra sul-africana—As negociações para a paz

Um telegramma de Amsterdã, recentemente expedido para Paris, diz o seguinte:

«O boato que correu de que o presidente Kruger recebera do governo inglez propostas de paz, é destituído de fundamento. O que provavelmente deu origem a essa informação foi uma visita particular, feita ao presidente do Transwaal por um membro do partido liberal inglez, com o fim de chegar a uma *entente* aceitavel, baseada sobre os pontos de vista dos chefes boers.»

Por outro lado, o *Petit Bleu*, de Bruxellas, diz-se em condições de afirmar que a viagem de Wessels, Volmarans, Grobler e De Bruyn a Bruxellas, para conferenciar com o dr. Leyds, e Fischer, não tinha por fim senão uma proposta de paz a entabolar com a Inglaterra.

Os enviados boers á Europa tem reuniões periodicas para trocar as suas vistas sobre o conjunto da situação. Ainda esta semana houve em Bruxellas uma d'essas reuniões, mas não se relacionou com nenhuma mudança na situação.

### PAGARAM O CARRANCA

Tudo se resume n'isto: pagaram o Carranca.

Os francezes tinham-se tornado d'um atrevimento senegal. Pois ninguém as faz que as não pague.

E' certo que a cidade ganhou muitissimo com a troca da cavallaria pela infantaria. Mas nós somos d'aquelles para quem a honra vale mais que os interesses. E não foi nada decoroso expulsar um regimento, que tudo se reduz a isto, por outro regimento. E foi vergonhosissimo que a cidade se pronunciasse primeiro a favor da cavallaria para depois se pronunciar contra ella. Não seríamos nós, que aliás nos collocamos desde o primeiro dia sob o mesmo ponto de vista, que teríamos calado um tal procedimento se motivos superiores não guiassem a nossa conducta. E esses motivos superiores estavam na necessidade absoluta de calcar os francezes.

Tão imbecis, que nunca vira n'isto! Tão desvergonhados, que chegaram a aventar, como explicação da nossa conducta, a mesquinha circumstancia d'um nosso amigo querer vir para Aveiro!

Vamos dizer outra vez o que temos dito centos de vezes. Nós somos pela paz contra a guerra. Dentro da guerra, somos pelos processos cavalheirosos contra os processos desleaes. Mas se um tratante nos espera de trabuco ao voltar de uma esquina, nós não fugimos nem nos mettemos em casa, que seria perder a partida ficando em risco permanente. Damos-lhe um tiro antes de receber o tiro d'elle, se isso nos é possível.

Dentro dos agravos, perdoamos agravos puramente pessoais, ás vezes, mas não perdoamos nunca agravos pessoais quando se conjugam com agravos politicos. Até á questão das irmãs da caridade, encarámos com alguma indifferença os attentados da cohorte firmnista. Na questão das irmãs da caridade, julgámos indispensavel esmagar a firmnada e esmagou-se a firmnada.

Carranca não nos era sympathico pela sua apostasia revoltante. Mas, depois de o tolerarmos em silencio, passámos simplesmente a belisca-lo. Carranca, que é estúpido; julgou-nos valor nullo e teve o atrevimento sem par de nos condemnar no processo do *Povo de Aveiro* condemnando a liberdade. Logo nós dissémos com os nossos botões: *Ai Carranca, que tens aqui um amigo!*

Os francezes praticaram todos os atropellos na penultima eleição legislativa. Estonteados com a maioria que tinham no concelho, julgaram-nos tambem valor dispensavel ou nullo. Eranos indifferente, enquanto não offendessem a liberdade. Mas avizinham-se as eleições municipais e francezes, estúpidos, elles, que já tinham praticado as proezas da *Liga Liberal*, insultam-nos, insultando a liberdade, até ao ponto de escolherem o Carranca para presidente da camara. Conversámos logo com os nossos botões: *Estes francezes precisam do rabo trilhado. Pois nós lhe trilha-*

remos o rabo na primeira occasião.

E trilhamos. A questão do regimento deu pretexto aos progressistas para uma enormíssima especulação. Os progressistas, principalmente com a circumstancia do governo chamar a si a dívida do quartel, firmaram o seu predomínio em Aveiro. Veremos se isto não é certo! E nós, dentro dos interesses absolutos da defesa do paiz, dos interesses relativos da cidade, fizemos conscientemente o jogo dos progressistas, não para os favorecer a elles, mas para nos desaffrontar a nós e á causa liberal, que corria graves riscos, esmagando os francacosos.

Nas mesmas condições faremos o mesmo aos progressistas.

Defendendo a substituição do regimento de cavallaria, estávamos na linha dos bons principios e dos interesses locais. Mas o que é certo é que, na linha do seu pensamento, o regimento de cavallaria ganhava a partida, necessariamente, se tem quem o saiba defender.

Tenham a certeza d'isso todos os imbecis que possam suppôr o contrario.

O sr. Mattoso, o sr. Jayme Lima e quejandos esqueceram-se da questão das irmãs da caridade e outras. Pois que não se esqueçam d'esta, agora, os progressistas!

A imprensa não vale nada quando o jornalista não tem poder suggestivo. Quando o tem, é o primeiro dos valores, mesmo n'um paiz como Portugal. E peza muito de qualquer lado, onde esteja.

Entre os partidarios da cavallaria não houve um que a soubesse defender, pelo unico lado defensavel. O mesmo succederia entre o geral dos seus adversarios.

São todos uns imbecis. E por isso mesmo que são uns imbecis, não conhecem os valores que os podem favorecer ou prejudicar.

Pagaram o Carranca. Nada mais. Sem Carranca, a politica franceza não levaria o grande pontapé que levou e o regimento de cavallaria estaria a estas horas seguro em Aveiro.

Com o regimento, propriamente dicto, não tinhamos que ter considerações, porque nada nos obrigava a ellas. Eram homens que não conheciamos, a nenhum dos quaes nos prendia laço algum de amizade ou boas relações, pelo contrario. Reconhecemos que tanto officiaes como praças de pret se portaram, geralmente, bem entre nós. Mas isso é um dever elemental, a que se faz justiça, mas que não obriga.

Portanto, ficava tudo reduzido a uma questão de egoismo para a terra e de desaffronta para nós.

O egoismo venceu e nós desaffrontámo-nos.

Quem quizer que nos provoque novamente, que nós responderemos.

Eis tudo.

Tem passado incommodado de saúde o nosso amigo sr. Manuel Gonçalves Netto.

### Minas de ouro na Zambesia

Mais uma prova de que as nossas colónias de Africa são um elemento importantissimo de riqueza nacional.

Descobriu-se ultimamente, nos territorios concedidos pelo governo á companhia da Zambesia, um importante jazigo de quartzo aurífero. As amostras do minerio extrahido, recebidas pela companhia, contam uma notavel percentagem de ouro.

Esta descoberta é de um grande interesse para a nossa região da Zambesia, visto as explorações mineiras attrahirem sempre grandes capitães e darem logar ao desenvolvimento de todas as outras industrias e especialmente da industria agricola que já hoje ali se apresenta tão promettedora.

## UMA LIÇÃO AO GALUCHO

Escreve um galucho na *Vitalidade* que quando o quizerem illucidar scientificamente e sem diatribes, que desprezará, sobre estratégia, muito gosto terá em receber as lições dos mestres.

Então ahí yae.

Dizem-nos que é o Meirelles Felix Telles. Se não é, parece-o. Se tivéssemos a certeza de ser o Meirelles Felix Telles, ensinado pelo Felix Telles de Meirelles, que d'outra forma nem aquillo o Meirelles Felix Telles escreveria, Meirelles Felix Telles não apanhava só diatribes, quer elle desprezasse quer não; apanhava diatribes, mostarda, malaguetta e coco. Mas como não temos a certeza, e como na incerteza é dever de todos partir da melhor hypothese, supponhamos que não é Meirelles Felix Telles, ensinado por Felix Telles de Meirelles, e vamos á lição sem diatribes.

Só lhe chamaremos galucho, que é o mesmo que recruta. Assigna-se recruta. Chamar-lhe galucho não é pois diatribe.

Pois, amigo galucho, está muito em baixo no que toca á militança. Só n'uma coisa andou bem: em se confessar recruta. Recruta, mas recruta muito atrasado!

O menino commetter erros, e disse tolhe bravaria, desde a primeira até á ultima linha do seu aranzel de galucho.

O menino disse que a cavallaria nunca pôde operar isoladamente, o que é reverendo disparate. No dia 16 d'Agosto de 1870, logo no principio das operações, 78 esquadras da cavallaria alemã—36 da 5.ª divisão de cavallaria, 18 da 6.ª, 8 da brigada de dragões da Guarda, 16 da cavallaria divisionaria dos terceiro e decimo corpos de exercito—atravessam a fronteira franceza e commettam uma façanha das mais atrevidas. Trinta e sete d'esses esquadras surpreendem a infantaria franceza, produzindo n'ella um panico enorme. Envolvem-na em semi-circulo, com a ajuda dos 18 esquadras e das peças da 6.ª divisão de cavallaria. E 8.250 cavalleiros immobilisam 65.000 infantes, ameaçando-lhes os flancos e a linha de retirada!

E assim durante toda a guerra franco-prussiana! E assim nas poucas guerras importantes que se seguiram no mundo.

A cavallaria nunca pôde operar isoladamente!

O menino disse uma grandissima asneira. Nem ao menos teve o bom senso de reparar para o que se passa agora no Transvaal, onde a estratégia e a tactica tem representado um brilhantissimo papel.

A cavallaria não combate, diz tambem o menino. Ai que palmatonadas, que palmatonadas!

Em Mars La Tour, sem falar n'outros combates, 21 esquadras prussianas combateram os regimentos dos generaes Montaigne, Legrand e France. Duello inutil, dizem alguns. Comtudo, accrescenta o principe de Hohenlohe, só depois d'esses duellos se pôdem obter os resultados procurados.

E a cavallaria ingleza que perssegue, envolve e aprisiona o exercito de Cronje no Transvaal. E o general French, á frente da cavallaria ingleza, que obtem os mais brilhantes successos, para a Inglaterra, na campanha do Transvaal. E á frente da cavallaria transvaaliana, ou da infantaria montada se quizer, que o general Dewet faz marchas, movimentos e dá combates que assombram a Europa.

Ai Felix Telles de Meirelles, espirito santo de Meirelles Felix Telles, que estás perdido!

O serviço da cavallaria, diz o amigo galucho, está reduzido, pela guerra moderna, á exploração, reconhecimento, communicação e á persseguição do inimigo já derrotado. E se está, conclue o amigo, ou é esta a idéa d'elle, a cavallaria não tem que fazer na fronteira.

Pois se está, o seu logar na fronteira, precedendo todas as armas, desde o primeiro dia de mobilisação, é importantissimo, é indispensavel.

A mobilisação do exercito alemão, na campanha franco-prussiana, começou em 16 de Julho de 1870. Sabe o

menino quaes foram as primeiras tropas que marcharam para a fronteira, onde se conservaram vinte dias, tantos quantos durou a mobilisação do exercito allemão? Sabe? Foi a 5.ª e 6.ª divisão de cavallaria. E sabe para quê? Para mascarar os movimentos das tropas allemãs e, ao mesmo tempo, informar-se dos movimentos das tropas francezas.

Ahi tem o menino como a cavallaria é precisa na fronteira, sem combater, como o seu papel essencial é precisamente não combater, dando todavia combate todas as vezes que seja necessario.

Ai Felix Telles de Meirelles, com Meirelles Felix Telles Telles Telles, que não sabes em que te metteste!

Já sabemos que em quinta-feira santa não é preciso tocar a matraca pelas ruas. Basta gritar: Meirelles Felix Telles Telles Telles Telis Telles de Meirelles!

No exercito suizo a mobilisação da cavallaria é tão rapida como a mobilisação da infantaria, porque a organização d'aquelle exercito, aliás admiravel, é especialissima. O soldado de infantaria tem em casa o seu armamento, o seu equipamento e o seu fardamento. O soldado de cavallaria, o seu armamento, o seu equipamento, o seu fardamento e o seu cavallo.

O galucho, que não sabia nada d'isto, fica o agora sabendo, e saberá mais, se quizer. O soldado suizo, de infantaria ou cavallaria, só tem que marchar direito ao ponto de reunião, onde recebe as munições e os viveres de reserva. A mobilisação do exercito suizo, por conseguinte, é instantanea, e tão rapidamente se faz a mobilisação da infantaria como a mobilisação da cavallaria. Mas em nenhuma outra nação succede o mesmo. Nestas, a mobilisação da cavallaria é muito difficil. O cavalleiro perdeu os habitos de montar. Não conhece o cavallo. O cavallo não está adestrado. Não pôde haver adjunto a um regimento activo de cavallaria um regimento de reserva. O que tudo faz com que os melhores exercitos europeus entendam que o effectivo da cavallaria em pé de guerra, a cavallaria, pois, fica assim mobilisada desde os primeiros dias. Ficando mobilisada e sendo o seu principal objectivo, como pretende o recruta, explorar, reconhecer, communicar, e, ainda, cobrir a base de operações, mascarar, o que o recruta não diz, e sendo a base de operações, no começo d'uma guerra, a patria toda, como diz o principe de Hohenlohe, e sendo o desenvolvimento estratégico a base de toda a estratégia, a sua parte essencial, como diz o mesmo Hohenlohe, e sendo difficil reparar no curso d'uma campanha as faltas que se commetteram no principio da concentração, como dizia o Estado Maior prussiano, a cavallaria, que deve ter em pé de paz um effectivo proximoamente igual ao effectivo em pé de guerra, para ficar desde logo habilitada a cumprir a sua missão, deve, por isso mesmo, estar tanto quanto possível aquartelada na fronteira.

Assim o entendeu a Alemanha, concentrando a cavallaria na fronteira franceza desde os primeiros dias, para encobrir o movimento e mobilisação das suas tropas de infantaria, e sendo o seu primeiro acto de hostilidade lançar a 4.ª divisão de cavallaria—5 de agosto de 1870—n'um reconhecimento longiquo em territorio francez, na direcção de Haguenau e de Reichshofen.

Assim o entendem todos os estrategicos e todos os tacticos do mundo.

Guichard, professor do curso da Arte Militar na Escola de Applicação da Artilheria e da Engenharia franceza, depois de ter demonstrado a utilidade da cavallaria, pags. 105, segunda parte, tomo III, da sua *Tactique—Cours d'Art Militaire*,—edição de 1877, paragrafo onde se ri desdenhosamente dos que pretendem que a cavallaria não combate, embora reconheça, como toda a gente, que não é essa, de facto, a sua missão principal, depois d'esse paragrafo passa a outro, pags. 107—*Serviços geraes da cavallaria* e aqui diz: «Os serviços principaes que ella presta nos exercitos podem resumir-se d'este modo: *Cobre na fronteira*, desde a declaração de guerra, a mobilisação, de-

pois a concentração das forças, impedindo o inimigo de difficultar estas duas operações importantes, de penetrar no segredo das intenções e das marchas, fazendo ella, pelo contrario, todo o possivel porprehender a direcção e a força dos movimentos do inimigo, tomando a offensiva em casos de necessidade, quer com o fim propriamente offensivo, quer com o fim de enganar o adversario, mantendo a posse, entre os dois exercitos em formação, d'uma zona de segurança e de prudencia, onde explora e domina todas as vias de communicação, opera destruições summarias julgadas d'utilidade, reúne já em territorio inimigo os primeiros recursos, contem as populações, tenta golpes de mão atrevidos, etc.»

E por ahí além se estende Guichard. E'-nos impossivel acompanhá-lo, porque não temos espaço para isso.

Mas, como elle diz muito bem, foi esse sempre, no ultimo seculo, o papel da cavallaria, esse será sempre o seu papel dominante, seja qual for a transformação porque passe o armamento.

O coronel Fix, do exercito belga, escriptor de reputação universal, diz no primeiro volume, pags. 27, edição de 1885, do seu excellente trabalho *La Strategie Appliquée* que «o inimigo, lançar no paiz, (Belgica) columnas de cavallaria encarregadas de se apoderar das linhas do caminho de ferro e de impedir assim o transporte dos milicianos e a reunião dos nossos (fala da Belgica) recursos. Para esta eventualidade todas as nossas precauções, no sentido da nossa cavallaria estar prompta, desde o primeiro dia de mobilisação, a occupar as zonas fronteiras ameaçadas, são poucas. Baterias a cavallo deverão sustentar immediatamente a cavallaria, que será tambem apoiada por postos de infantaria, collocados nos pontos de encontro das communicações importantes»

Claro é, a cavallaria não está sózinha. A França e a Alemanha tem até batalhões especiaes de infantaria aquartelados nas praças fortes da fronteira. Mas a cavallaria é que tem de lá estar no maior numero. E, para isso, como Portugal não tem os meios de communicação e de transporte que tem a Belgica, que n'isso excede todas as nações, a cavallaria ha de estar, em tempo de paz, aquartelada na fronteira ou na direcção da fronteira, mesmo porque ha muitas outras condições a attender, ainda mesmo com meios de transporte rapidos e sufficientes.

Fix entende, pags. 28, que a Belgica, apezar dos seus pequenos effectivos de cavallaria, pôde demorar as incursões da cavallaria inimiga o tempo preciso para completar a sua mobilisação e concentrar as suas forças, mobilisação e concentração, pags. 36, que serão tanto mais rapidas quanto melhor for a distribuição das tropas no territorio nacional.

O *Nouveau Dictionnaire Militaire* diz, pags. 130, na palavra *cavalerie*: «O papel da cavallaria é, desde o principio da guerra, cobrir a mobilisação e a concentração na fronteira, apoiada por baterias a cavallo e por algumas outras tropas.»

O *Journal des Sciences Militaires* publicou, em fevereiro de 1886, um artigo que a livraria militar Bandoin editou depois em folheto sob o titulo *Esquisse d'un projet de réorganisation de la cavalerie*, onde o sen auctor diz, pags. 5: «O papel especial da cavallaria é esclarecer o exercito, cobrir todos os seus movimentos e assegurar os seus meios de existencia no paiz. A cavallaria não pôde desempenhá-lo senão com a condição de avançar muito para a frente, a fim de que o exercito não seja nunca surpreendido e esteja, pelo contrario, sempre prevenido da aproximação do inimigo muito a tempo de se concentrar e de tomar, sem panico e sem precipitação, as suas posições de combate. Deve, pois, antes de tudo, ser organizada no sentido d'um systema de exploração, muito largamente concebido, na frente do exercito, sem se preoccupar com a sua acção contra a infantaria, que será meramente accidental. Além d'isso o seu effectivo em pé de paz deve differir muito pou-

co do seu effectivo em pé de guerra, a fim de que em caso de necessidade possa occupar immediatamente a extrema fronteira (a raia) para cobrir a concentração do exercito e recolher as informações sobre os preparativos do inimigo.»

Mas Meirelles Felix Telles ou Felix Telles de Meirelles não é partidario da cavallaria na fronteira, pela simples razão de que a natureza da nossa raia é, na sua maior parte, inacessivel á cavallaria, mesmo quando a sua missão fosse, o que aliás se não demonstra, a de combater.»

Parece mesmo o dr. Moliço! Pelo menos, de tantos dislates em tão poucas palavras só o dr. Moliço, até aqui, era capaz.

Como os leitores já viram, não se pôde dizer que a cavallaria não combata. Combate quando é preciso, ainda que o combate seja para ella um mero accidente. Mas, contrariamente ás conclusões de Felix Telles de Meirelles, é exactamente para um fim muito especial, para o seu fim privativo, e não para o combate accideotal, que ella é precisa na fronteira. E' lá precisa em tempo de guerra. E' esse o mais importante dos seus objectivos. Para isso mesmo deve em tempo de paz ter um effectivo muito approximado do effectivo de tempo de guerra. E, por isso mesmo, já pela insuficiencia dos transportes e meios de communicação em Portugal, já para ter prévio conhecimento do terreno e condições da região, já por muitos outros motivos que seria superfluo enumerar, deve, tanto quanto possivel, estar aquartelada, em tempo de paz, na fronteira, ou o mais proximo possivel da fronteira.

Assim o entendia tambem o auctor d'um outro opusculo, editado em 1889 pela mesma livraria Bandoin sob o titulo *Notes sur la reorganisation de l'armée*. Aqui, pags. 9, no capitulo que tem a epigraphie: *Distribuição da cavallaria*, sustenta o auctor que «os seis regimentos de cavallaria (franceza) de cada divisão estejam tão proximos uns dos outros quanto possivel e escalonados n'uma linha perpendicular á fronteira, para se concentrarem rapidamente e servindo-se d'essa unica linha.»

Assim o entendia o tenente coronel de cavallaria Charfilis, na sua obra: *Cavalerie en Campagne, études d'après la carte*, sustentando que a cavallaria deve estar na fronteira, prompta a montar a cavallo, meia hora depois do primeiro telegramma de alarme e aceitando na sua hypothese a grande superioridade, que resultaria, da França ter na fronteira mais cavallaria do que a Alemanha.

Assim o entende o allemão Blume, auctoridade profissional de primeira ordem, quando escreve na sua *Strategie*, pags. 82, edição franc. de 1884, «que as tropas, durante a paz, se recrutem nas circumscripções de mobilisação e que tenham ali as suas guarnições.»

Assim o entende Von der Goltz, outra grande auctoridade allemã, quando chama, na sua *Nation Armée*, edição franc. de 1891, pags. 220, o olho do exercito á cavallaria, «que entra primeiro que todos, pags. 224, no territorio inimigo.» Assim o entende o general Derrécaigaix, n'uma obra excellente a que teremos de nos referir no proximo numero.

O Felix Telles de Meirelles não sabe, decididamente, em que se metteu. Para completar a série ininterrupta das suas tolheas, que são tantas quantas as palavras que escreveu, até diz que o numero da cavallaria, pelo seu moderno papel, está hoje muito reduzido em todos os exercitos.

Mas qual é o moderno papel da cavallaria, homemsinho do Senhoi? Já se viu que o menino não percebe nada de tal papel, por isso que já nos disse que a cavallaria nunca opera isoladamente, que a cavallaria não combate, que ainda que a cavallaria combatesse não seria precisa na fronteira, quanto mais não combatendo, e outros dislates que só merecem açotes. Mas agora é um cumulo! Agora até afirma que o novo papel da cavallaria impõe a sua redução em todos os exercitos do mundo!

N'isto, como em tudo, succede precisamente o contrario do que elle diz, como provaremos no proximo numero, onde a trepa ha de ser monumental. Esta já não é má. Mas a do proximo numero ha de ser melhor.

Men pobre Felix Telles Melles Pelles Leles Queles de Meirelles! Men pobre matraca de quinta-feira santa, matraca de nova especie, de que impomos privilegio de invenção!

Felix Telles Melles Pelles Leles Queles de Meirelles!

Nós já tinhamos achado engracado *aquelle do Progresso de Aveiro* a fazer, no ultimo numero do periodico, desdenhosamente da *Estrategia, a arte de fazer a guerra sobre a carta*, na expressão do prodigio.

D'aquelle prodigio, que fulminava d'insensatos, das culminancias olympicas do seu genio, quantos falavam em estrategia, a proposito da collocação dos regimentos de cavallaria, como se a proposito d'isso e d'outras *bagatellas* não escrevessem livros e livros, opusculos e opusculos, artigos e artigos, tantos que citamos e muitos mais que ficaram por citar! Tanto póde a ignorancia! Tanto póde o atrevimento d'um pateta! Tanto vale o desprezo com que em Portugal são tratadas as coisas mais sérias e mais graves!

Genios olympicos, que só em Aveiro apparecem!

Esse tal do *Progresso de Aveiro*, quem quer que seja, já era bem bom.

Mas o Felix Telles da *Vitalidade* vae além!

E aqui estamos nós convertido em *domador d'estes leões!*

Ora vá lá, seu Felix Telles de Meirelles, ou seu Meirelles Telix Telles, ou seu Queles Leles Pelles, ou seu Felix Telles Melles Pelles Leles Queles de Meirelles, vá lá, homem illustre, que nos apauhas-tes de maré.

Vá lá! Vá lá!

*Diatribes* não houve.

Lá isso não houve.

D'esta vez ficámos de bem com a nossa consciencia.

### Sapataria Reis

Esta conceituada sapataria, ha bastantes annos estabelecida na Costeira, muda este mez ainda para a rua Domingos Carrancho, onde os seus estimaveis e numerosos freguezes poderão continuar a fazer as suas encomendas, se quizerem andar sempre calçados á moda e por pouco dinheiro.

### EM RESPOSTA

Do sr. Antonio Maximo Branco de Mello, que não temos a honra de conhecer pessoalmente, recebemos uma carta datada de Coimbra e que não publicámos no nosso ultimo numero por a falta de espaço no-lo não permitir. Diz assim:

... Sr.—Avisado por um amigo li no jornal de que v. é muito

digno redactor—*Povo de Aveiro*, n.º 918 de 17 de novembro—a noticia do fallecimento d'um filho do visconde de Valdemouro.

Como seu sobrinho e legitimo representante do seu nome cumpre-me informar v., de que o visconde de Valdemouro, meu tio, morreu solteiro e sem filhos.

E como actualmente se debate nos tribunaes uma acção de perflhação, venho pedir a v. a fineza de rectificar a sua noticia, para que o meu silencio não seja tomado em falso sentido.

Muito grato me confesso a v. por esta fineza.

Sou com toda a consideração

De V., etc.

Antonio Maximo Branco de Mello. Coimbra—Ladeira do Seminario, 3—12—1901.

Com a publicação da carta, julgámos satisfazer, em parte, os desejos do seu signatario, pois todos que nos lêrem, ficarão sabendo que o sr. Antonio Maximo, ao ter conhecimento da noticia a que allude, se não remetter ao silencio que tanto receia *seja tomado em falso sentido*. Por este lado fica satisfeita a vontade do sr. Maximo. No que, porém, a não podémos satisfazer, é na rectificação que nos pede. Rectificar o quê? Pois, por ventura, ha alguém em Aveiro que não tivesse o sr. Julio Pereira da Luz e não tenha todos os irmãos d'este mallogrado rapaz por filhos do fallecido visconde de Valdemouro? O visconde de Valdemouro morreu solteiro, diz-nos o sr. Maximo. Tambem nós não dissémos que elle fôsse casado: mas o que toda a gente tambem não ignora é que nem só os homens casados gosam da faculdade organica de praticar actos adequados á reproducção da espécie; e o visconde de Valdemouro, morrendo solteiro e deixando filhos, não fez nada que outros não tenham feito. Não os reconheceu como tal? E quem sabe se elle não teve essa intenção? Mas não é das intenções do fallecido visconde que se tracta. Intenções poderá, talvez, havê-las no proposito do sr. Antonio Maximo. Nada temos nem queremos ter com ellas. A questão, para nós, é uma questão de facto. Se n'ella nos intromette-mos, a culpa é do sr. Maximo, que nos convidou a fazer uma rectificação que não podémos. E o facto para nós, para todos, é que o visconde de Valdemouro não deixou os filhos reconhecidos. A prova está na tal acção de perflhação que actualmente corre em juizo. Mas nem esta circumstancia nem a qualidade de solteiro invocada pelo sr. Maximo para seu fallecido tio são razões que destruam a convicção geral em

que se está a respeito da paternidade dos filhos da sr.ª D. Joanna Alexandrina Pereira.

O sr. Antonio Maximo, para ser coherente com a logica de que se serviu, devia tambem afirmar que a sr.ª D. Joanna Alexandrina Pereira não tem filhos, porque ainda é solteira.

Mas, seja como fôr, a verdade é que nada temos a rectificar. Não podémos dizer, como o sr. Maximo deseja, que os irmãos Luzes não são filhos do visconde de Valdemouro, nem que este senhor, por morrer solteiro, morreu sem deixar descendencia. Que morreu sem os perflhar, isso é verdade; que morreu legandolhes dois terços dos seus bens, tambem de todos nós é sabido; que os irmãos Luzes procuram actualmente provar a sua filiação, tambem é facto. Impugne-lha o sr. Antonio Maximo como melhor pudér, porque n'isso está toda a sua conveniencia. Nós é que nada temos a rectificar.

Que, de resto, sr. Antonio Maximo, a justiça, talvez mesmo porque a dizem e representam cega, nem sempre vai por caminho direito.

Dezembro e a sabedoria dos campos

Dia de Santa Luiza, mingua a noite e cresce o dia.—Do Natal a Santa Luiza cresce um palmo o dia.—Por S. Nicolau já neve no chão.—Por Natal sol e por Paschoa carvão.—Em dezembro a uma lebre galgos cento.—O Natal ao soalhar e a Paschoa ao lar.—Pelo S. Thomé o porco pelo pé.—Entre o Menino e Thomé tres dias é.—Por Natal ao jogo e por Paschoa ao fogo.—Passado o Natal crescem os dias um passinho de pardal.—Ade o frio por onde andar, ha-de vir pelo Natal.—A festa do Natal, atraz do lar; a da Paschoa, na praça; a do Espirito Santo, no campo.—Quem quizer bom alhal, é semeal-o pelo Natal.—Pelo Natal tenha o alho bico de pardal.—Depois que o Menino nasceu, tudo cresceu.—Em dezembro descança, em janeiro abalha.—Pelo Natal, se houver luar, senta-te ao lar; se houver escuro, semeia outeiros e tudo.—No S. Silvestre, quem tem carne que lhe préste.—Quem vae ao S. Silvestre, vae n'um anno e vem n'outro, é nunca se despe.

THEATRO AVEIRENSE

Afinal, já não é, como aqui dissémos, em beneficio do chefe Lebre que a «Troupe Dramatica Aveirense» dará no nosso theatro o espectáculo que traz em ensaio. Parece que motivos de força maior a fizeram desistir do seu primeiro intento. O especta-

peitavel companhia, Assim evitaremos a odiosa offensa de cotar um mercador juden tão alto como um prelado christão, e a ti ficam-te seiscentas corôas para negociares o resgate de tua filha. Os templarios gostam tanto do brilho dos *shekels* de prata como do fulgor de uns olhos pretos, vae depressa fazer tilintar as tuas corôas aos ouvidos de De Bois Guilbert, antes que aconteça alguma coisa peor. Deves encontral-o, seguindo as noticias que tenho, no proximo comendado da sua ordem. Fallei bem, meus alegres camaradas?

De pagares as mil corôas do teu resgate ficas realmente pobre?

Isaac, a quem estas palavras evocaram de novo a ideia dos bens terrestres, cujo amor, por effeito de um habito inveterado, luctava n'elle mesmo com a affeição paternal, empallideceu, titubeou e não ponde negar que ainda lhe ficaria alguma coisa.

—Pois bem, acabou-se, fiquete o que te ficar! disse o chefe dos *outlaws*. Nós não seremos muito escrupulosos contigo. Sem dinheiro tu pódes tanto esperar arrancar tua filha das garras de *sir Brian* de Bois-Guilbert como abater um veadão real com uma frecha sem ponta. Tu pagarás, pois, o mesmo resgate que o prior Aymer, ou antes com corôas de menos. Este abatimento será lançado na minha conta particular, não recahirá sobre a res-

peitavel companhia, Assim evitaremos a odiosa offensa de cotar um mercador juden tão alto como um prelado christão, e a ti ficam-te seiscentas corôas para negociares o resgate de tua filha. Os templarios gostam tanto do brilho dos *shekels* de prata como do fulgor de uns olhos pretos, vae depressa fazer tilintar as tuas corôas aos ouvidos de De Bois Guilbert, antes que aconteça alguma coisa peor. Deves encontral-o, seguindo as noticias que tenho, no proximo comendado da sua ordem. Fallei bem, meus alegres camaradas?

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

tambem lá hade ir com os bácoros. E' preciso não faltar.

E continuou o sermão, conforme Deus foi servido.

Este ecclesiastico tinha por alcunha o *Borrallho*. Em outro sermão, que estava pregando em uma festividade solemne, estando com a maior emphase a explicar a vida do santo, um mordomo, que fazia as vezes de thuriferario, dirigiu-se á frente do pulpito, e, levantando o thuribulo, exclamou:—O sr. abbade, o borrallho está apagado!—Cala-te, homem, que agora é que elle está acceso!

D'esta vez tinha o padre rasão. Deus lhe fale na alma!

Henrique Vicente Corrêa de Sá. (Feira, Travanca).

## AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias sera feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs.

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

## ANNUNCIOS

### BREAK

VENDE SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

## CASA EM ESGUEIRA

VENDE-SE uma casa em Esgueira pertencente ao ex.º sr. Annibal Fernandes Thomaz. Quem pretender deve dirigir-se ao escriptorio do advogado Jayme Duarte Silva, na rua do Sol, d'esta cidade, que está incumbido de realizar o contracto e dará todas as informações.

## VENDEM-SE

Uns ricos paramentos de missa, e outros mais ordinarios, mas em perfeito estado de conservação. Tambem se vende um missal e um calix, combinado.

A quem precisar dão-se esclarecimentos na redacção d'este jornal.

salteadores d'estrada, isso não entra nos meus votos.

—Vem cá, Waldemar, disse o principe João. Eu sou um principe infeliz! Meu pae, o rei Henrique, tinha servidores fieis. Bastou elle dizer que um padre friccioso o incommodava para o sangue de Thomaz Becket, apesar de ser santo, tingir os desgraus do seu proprio altar. Tracy, Morville, Brito, subditos leaes ousados, os vossos nomes e o vosso valor estão extintos! e bem que Reginaldo Fitzusse tenha deixado um filho, elle degenerou a fidelidade e coragem de seu pae.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

homenagem, portanto não lhe devo protecção nem fidelidade; mas levantar a mão contra elle, isso não o farei.

—Nem é preciso,—basta mandares Luiz Winkelbrand com viute dos teus lanceiros.

—Vós tendes bandidos sufficientes entre a vossa gente, disse De Bracy; nenhum dos meus homens tomará parte em tal empreza.

—Tão obstinado és, De Bracy? disse o principe João, Queres então abandonar-me depois de tantos protestos de zelo pelo meu serviço?

—Não é essa a minha tenção, disse De Bracy; ser-vos-hei fiel em tudo o que fôr proprio de um cavalleiro, ou seja nos torneios ou no campo; mas lá essas manobras de

—Oh! respondeu o juden, quizera Deus que tu a houvessees despedido ainda que a frecha lhe atravessasse o coração! Antes a sepultura de seus paes do que o infame leite do licencioso e brutal templario. *Ichabod! Ichabod!* Foi-se a gloria de minha casa!

—Amigos, disse o capitão olhando em volta, este velho não passa de um juden, mas a sua dôr faz-me dó.—Isaac, falla verdade: depois

PUBLICAÇÕES

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade...

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES Cada vol. 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

NOVIDADE LITTERARIA

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS...

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez...

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção, de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARA E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe...

As passagens tomadas n'esta agencia gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias...

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos...

Precioso brinde a todas as senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata...

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão soejo (Luz, Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rium e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espuinosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO.

FERRAGENS,

zincos, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, lintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

HORARIO DOS COMBOTOS

De Aveiro para o Norte

Table with 2 columns: De manhã ás, De tarde ás. Times: 3-45 m. (tram.), 5-51 m., 8-58 m. / 1-25 m. (tram.), 7-37 m., 10-5 m.

De Aveiro para o Sul

Table with 2 columns: De manhã ás, De tarde ás. Times: 6-49 m., 3-46 m., 5-34 m. (rap.), 10-43 m.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

Advertisement for Singer sewing machines with text: Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a nossa ravilhosas e surpre-

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vacum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

Advertisement for Typographia Povo de Aveiro with text: Avisa de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasias, proprios para obras de luxo.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEMSE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Recife, 43 a 44

"O NORTE,"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.